PLATÃO E AS TEMPORALIDADES

PLATO AND THE TEMPORALITIES

BENOIT, Hector. **Platão e as temporalidades**: a questão metodológica. São Paulo: Annablume, 2015. 206pp. (Coleção Archaï: As origens do pensamento ocidental).

Gérson Pereira Filho*

Esse livro é, na verdade, o primeiro volume do projeto de uma tetralogia que, por questões editoriais, inclusive, será condensada em mais um volume apenas, embora buscando preservar a estrutura do conteúdo, agrupado em quatro partes. Em seu conjunto, a obra foi denominada como “A odisseia dialógica de Platão”, numa analogia conceitual à odisseia grega legada por Homero e é resultado da tese de livre-docência do autor, defendida em 2004, na Unicamp – Universidade Estadual de Campinas. Além da docência nessa instituição, o autor foi responsável pela criação do CPA-Centro do Pensamento Antigo e sua posteridade, da SBP – Sociedade Brasileira de Platonistas e do GT-Anpof- Platão e Platonismo.

O livro aqui resenhado é resultado de incessantes leituras e pesquisas em torno dos diálogos platônicos e sua tradição exegética e hermenêutica, o que leva Benoit a propor uma abordagem bastante heterodoxa e inovadora do ponto de vista teórico e metodológico.

O autor trabalha com afinco a reinterpretação temática do platonismo, mas, sobretudo, propõe uma revisão metodológica radical do modo de ensino e transmissão com que os diálogos platônicos chegaram até a modernidade e contemporaneidade. Não é o primeiro trabalho do autor neste sentido, pois tanto suas teses acadêmicas quanto inúmeros artigos e outros livros nos apresentam parcialmente aspectos dessa proposta metodológica. Entretanto, a tese de livre-docência veio culminar com um trabalho de excelência e magnitude pouco presente no cenário de estudos da filosofia antiga e do platonismo no cenário brasileiro.

Esse primeiro volume, de caráter metodológico, está focado na questão das “temporalidades” presentes nos diálogos platônicos o que, para Benoit, é questão fundamental para a compreensão precisa, coerente e dialética da obra platônica. Devido a este enfoque metodológico, o livro ganha autonomia perante os demais conteúdos, razão pela qual pode ser

* Doutor em Filosofia. Professor do Departamento de Filosofia da PUC Minas. E-mail: gerson@pucpcaldas.br.

lido em separado e, mais que isto, aplicado tanto por aqueles que pretendem se aprofundar nos estudos platônicos, quanto é válido também como método para outras obras filosóficas.

Prefaciado pelo também filósofo e pesquisador da Unicamp, Arley Moreno, especialista em Filosofia da Linguagem, o livro é apresentado como um significativo método que se aplica não apenas para a leitura dos textos platônicos, mas a qualquer texto filosófico ou mesmo da literatura, ao sugerir a imanência do próprio texto e autor estudados, como código para decifração das especificidades simbólicas presentes nas grandes obras.

Nos demais volumes o autor prossegue sua abordagem teórica, como Ulisses em sua odisseia, a percorrer a trajetória platônica em cada um dos diálogos, numa profunda e meticulosa análise desse conjunto de textos, naquilo que Benoit considera como o percurso dialético do *lógos* platônico. A percepção desse percurso em sua historicidade e dramaticidade torna-se fundamental para que se discutam os pressupostos teóricos, temáticos e conceituais que se tem atribuído como sendo o pensamento de Platão. Tal percurso dialético se manifesta na construção dramática e dialógica do *corpus platônico*, que se revela na conexão, ou mesmo nas contradições, presentes nas *temporalidades* em que os diálogos se articulam entre si.

Para isso Hector Benoit compreende os diálogos a partir de quatro temporalidades: aquela que representa a ação do pensar e dizer, a *léxis*; aquela da *poiésis*, que representa a elaboração da obra em si, sua escrita, sua ordem cronológica; a temporalidade da *noiésis*, que contém a ação conceitual em torno dos temas presentes nos diálogos; e a temporalidade dramática, pela qual se devem ordenar as leituras, seguindo o contexto real ou fictício sugerido por Platão, no desenvolvimento de seus inúmeros escritos. A constante intersecção entre as várias temporalidades é que permite uma compreensão dialética dos diálogos.

O ordenamento dos diálogos a partir da temporalidade dramática torna-se fundamental para melhor contextualização e relação teórica e temática das questões abordadas ao longo dos diálogos. Em conformidade com a sequência dramática, os diálogos são agrupados a partir dos momentos representativos dessa trajetória. Assim, o primeiro grupo dialógico representa sobretudo o percurso dialético de Sócrates, que se inicia no diálogo “*Parmênides*”. A “aventura e desventura socrática” inicia-se com o jovem Sócrates que interpela o velho Parmênides num dos debates mais enigmáticos sobre a questão da teoria das formas/ideias, ponto central nas teorias vigentes da filosofia platônico-socrática. Segue-se o tempo dramático em torno da história de vida de Sócrates, em seus vários momentos, em que este aparece como o personagem central numa série numerosa de diálogos que se estendem até o momento de sua morte. Posteriormente, sobretudo a partir de “*O Sofista*”, vêm os diálogos

em que Sócrates já não mais vive e também desaparece gradativamente como personagem. Isso, para o autor, significa muito mais do que uma mera questão de escrita literária ou nuances temáticas; na verdade, tal contexto representa uma ruptura teórica profunda no lógos platônico que, não mais tendo a presença física do mestre Sócrates, acaba por projetar uma total reformulação na concepção da dialética e dos conceitos-chave no universo do platonismo, inclusive com o momento marcante no diálogo “*O Sofista*” em que ocorre o parricídio, ao “pai” Parmênides, e talvez ao próprio Sócrates, o que representa um corte drástico e radical em torno da metafísica idealista, unitária e pouco dialética da teoria das ideias. O momento final desse ordenamento dramático, que inclusive coincide com ordenamento cronológico e conceitual em Platão, é aquele que culmina com o último diálogo, *As Leis*, este sim contendo, provavelmente, aquilo que se poderia chamar do mais vivo pensamento platônico no que tange à sua epistemologia, ontologia, ética, física e política.

Veja-se que o ordenamento dialógico sugerido pelo autor Hector Benoit foge à ordem cronológica das supostas datas de produção de cada diálogo por Platão, bem como dos agrupamentos editoriais do *corpus platônico* ao longo do tempo. A propósito, a composição textual do autor, originalmente como uma tetralogia não é por acaso, mas sim uma opção que aproxima a obra das formas em que as primeiras edições dos diálogos platônicos foram apresentadas nos manuscritos da antiguidade e inícios do medievo, o que para Hector Benoit demonstra que a compreensão dialética dos textos platônicos presente nos primeiros tempos se perdeu posteriormente, sobretudo a partir das edições neoplatônicas, no cristianismo e na modernidade. O principal dano teria sido a fragmentação da obra platônica, isolando cada diálogo como se contivesse uma doutrina acabada em si mesmo, inviabilizando qualquer análise que possibilitasse uma compreensão de conjunto e dialética dos diálogos em seu todo. No caso de Platão, isso se torna sobretudo relevante, por se tratar de um autor que quase nunca fala como autor de seus textos, uma vez que a forma do diálogo se apoia em inúmeros personagens, com pensamentos comuns ou antagônicos entre si, e que não podem ser confundidos como se fosse o pensamento do autor Platão.

Por essa razão, Hector Benoit considera indispensável como introdução à sua abordagem propriamente teórica do conjunto dos diálogos esse primeiro volume, no qual apresenta detalhadamente a metodologia de leitura, estudos e compreensão do *corpus platônico*. É a imanência dos próprios textos em sua dialética e lógica interna. É também a busca do autor por ele mesmo, através de seus textos, rejeitando a primazia dos comentadores que acabam por conduzir suas interpretações em conformidade com seus próprios modos de

pensar, em processos intencionais e ideológicos, razão pela qual Benoit se propõe a desconstruir algumas das principais linhas interpretativas do platonismo, desde Aristóteles e Proclus, a autores da modernidade.

Outra heterodoxia presente nessa obra e metodologia é o fato de que embasado na história da dialética, o autor estabelece um vínculo direto entre o platonismo, o hegelianismo e o marxismo, que teriam sido as três vertentes filosóficas para as quais a dialética é o eixo central e necessário para o desenvolvimento de suas teses a respeito da ontologia, da política, da ética, da epistemologia.

Leitura indispensável para aqueles que desejam uma compreensão do platonismo diferente daquele que tem sido transmitido nos manuais.